

Cláudio Ferreira Costa. *Estudos Filosóficos.*
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Ed. da UFRN,
1999. 183 páginas.

Ângela Maria Paiva Cruz¹

O livro *Estudos Filosóficos* apresenta uma série de oito ensaios que tratam de diferentes questões filosóficas, com os seguintes títulos: 1) Filosofia, Ciência e História, 2) Fichte e a Metafísica do Sujeito, 3) Verificacionismo e Imanatismo Teológico, 4) *Cogito* e Linguagem Privada, 5) Processo Primário e Emoção Estética, 6) As duas Formas Básicas de Ação Lingüística, 7) As Aporias do Realismo Clássico, 8) Notas sobre “O Pensamento”. Seguindo-se a um Prefácio, estes ensaios estão distribuídos em oito capítulos, seguidos de um Suplemento contendo uma tradução do autor, revisada por Marco Antônio Ruffino, do artigo de Gottlob Frege intitulado “O Pensamento”.

No Capítulo 1, o autor discute algumas relações possíveis entre filosofia e ciência, considerando as concepções de metafísica como estágio intermediário entre religião e ciência, de A. Comte e a da irreducibilidade temática entre ciência e filosofia, de A. Kenny. Da análise destas concepções, o autor argumenta no sentido da adoção da perspectiva comteana sem, contudo, assumir compromissos reducionistas.

O ensaio *Fichte e a Metafísica do Sujeito*, no Capítulo 2, traz uma reconstrução da questão do conhecimento do “Eu”. Para esta reconstrução, o autor parte do “Eu Produtor” de J. G. Fichte (que por sua vez reinterpretoou a idéia do “Eu Transcendental” de I. Kant) e caminha para uma solução que pressupõe a existência de um “Eu” como instância empírica observável.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Filosofia.

Ao tratar sobre *Verificacionismo e Imanentismo Teológico*, no Capítulo 3, Costa discute a possibilidade de uma concepção de Deus que pode ser probabilizada pelo Verificacionismo, partindo da idéia de que o enunciado “Deus existe” não é completamente sem sentido ou provavelmente falso, ainda que para isto, seja necessário atribuir um sentido naturalista e não – pessoal de Deus.

No Capítulo 4, o autor apresenta um argumento demonstrado através de uma aplicação de redução ao absurdo, segundo o qual é possível a constituição de uma linguagem cujas regras sejam corrigidas por uma comunidade lingüística meramente virtual. Este argumento é construído por assumir que as idéias do *cogito* cartesiano (que pode ser resumida na sentença “Estou pensando, logo eu existo”) e a da negação da linguagem privada em Wittgenstein, não são totalmente incompatíveis.

No ensaio *Processo Primário e Emoção Estética*, Capítulo 5, Costa mostra a importância dos mecanismos de condensação e de deslocamento, que fazem parte, segundo S. Freud, da idéia de arte. Para o autor isto é verdade, dado que estes mecanismos estão presentes na produção e apreciação estética.

Em *Duas Formas Básicas de Ação Comunicativa*, o autor reconstrói, ao longo do Capítulo 6, a distinção entre proferimentos constatativos e performativos dada por J. L. Austin. Neste exercício de reconstrução evidencia-se que estes tipos de proferimento são capazes de exprimir as duas formas básicas de ação comunicativa, cujas funções são respectivamente, cognitiva e instrumental.

No Capítulo 7, Costa realiza uma discussão sobre os paradoxos gerados quando se admite os realismos platônico ou aristotélico, como respostas ao problemas dos universais. O autor aponta modos mais eficientes para solucionar esse problema, que recorrem a, por exemplo, formas de nominalismo.

O Capítulo 8 constitui uma introdução à tradução do artigo “O Pensamento” de Gottlob Frege, contida no Suplemento. Neste capítulo, o autor expõe e tece críticas à

várias idéias fregeanas, em especial ao seu realismo de fundo platônico, que mostra a necessidade do reconhecimento de ao menos três domínios de entidades, a saber: objetivo e real, subjetivo e real, e objetivo e não-real. Contra-pondo-se a essa necessidade, Costa sugere a construção de um domínio epistêmico sem compromisso com qualquer forma de realismo ontológico.

Nos oito ensaios acima descritos, Costa aborda cada questão de forma analítica, construindo uma reflexão crítica que parte de idéias, em geral, originárias da tradição filosófica, elaborando discursos que por vezes corroboram e em outros casos refutam essa tradição. Esta metodologia revela a preocupação do autor com a clareza e coerência das idéias e contribui para facilitar a compreensão das questões analisadas, sem contudo, comprometer a qualidade da reflexão racional sobre idéias filosóficas que, resgatadas da tradição, são tratadas em um modo próprio e inovador.

As características acima enumeradas, tornam os ensaios que compõem o *Estudos Filosóficos* uma rica fonte de estudo e pesquisa para estudantes e especialistas em Filosofia, bem como de outras áreas que buscam na Filosofia o esclarecimento de questões de natureza ontológica, epistemológica, lingüística ou estética.